



Nuno Costa Santos

# Balanço e Contas

*“O desejo de fazer dos Açores um lugar em que a literatura é uma âncora e uma forma de nos apresentarmos aos outros mantém-se e vai crescendo. E quem diz literatura diz cultura, em todas as suas manifestações. Devo a estes dois anos terceirenses o vagar e as condições para prosseguir, em cumplicidade familiar”.*

Estacionado numa mesa do pátio interior do clássico angrense Café Aliança, objecto de remodelação recente com base num projecto do arquitecto João Monjardino. Bom recanto, este.

Quando vinha à Terceira, passava sempre pelo Aliança. Cheguei a pagar uma fortuna de táxi (na corrida Praia-Angra), só para vir tomar um café e espreitar o jornal no Aliança.

Ganhei agora um motivo diferente para visitar todos os dias, ou com frequência, este espaço da Praça Velha.

Já me sentia bem, sim, mas agora sinto-o numa nova modalidade, desfrutando de um restaurante e de uma pastelaria (usemos o termo) modernizados - no bom sentido, sim, que nem sempre isso acontece.

Há aqui uma alegria - no café, no restaurante, neste pátio - que merece todas as visitas.

Também foi construído no edifício um hostel. Pelo movimento de estrangeiros aqui presente, parece estar a ter procura.

Sabia que estava a avançar a construção mas só agora, com este retomar dos dias, é que abriu. Palmas para o gesto. Deseja-se o melhor para o empreendimento.

Em Lisboa tinha o hábito de ir trabalhar para os cafés.

Por isso fico reconfortado - até porque sou conservador nisso - por me poder sentar sempre na mesma cadeira, com o computador à frente e as chávenas perto, num sítio onde sou bem tratado.

Ao contrário do que se diz, as rotinas são importantes para os actos criativos. Sobretudo aqueles que pedem um fôlego maior. Além de me poder concentrar nas tarefas fundamentais como as de trabalhar no *Azores 2027*, nesta crónica, no melancómico, noutros guiões e artigos, nas nossas funções de timoneiros da Alga Viva, posso avançar numa ficção centrada em Jacques Brel e a sua demanda marítima - e existencial - dos seus últimos anos. Naquele que dizia “é preciso ir ver”.

Penso. A partir deste posto de escrita e de observação, que balanço posso fazer da minha vida na Terceira, que acontece há dois anos?

Digo da vida para além dos roteiros do coração e dos sentimentos primeiros, decisivos para a minha decisão de para cá vir morar.

Tem-se, essa vida, erguido aos poucos fora deste Bairro do Corpo Santo, sítio que é em si um universo, ora vivido ora espreitado da janela. Sou, desde os dezoito anos, uma pessoa de bairros - aqueles onde vivi e onde viviam os meus amigos - e agora habito um bairro açoriano.

Se me perguntassem há dois anos e meio se antecipava este regresso, comentaria a doídice do meu interlocutor. Aconteceu. Se é destino? Não sei. Perguntem aos deuses. Cada funcionário no seu guichet. Estava a dizer da minha vida neste chão. Escrevi sobre o assunto: satisfaz-me a amabilidade do comércio.

O samba convivial e nalguns casos fraternal. (Quando entro no Açor, raramente pago a minha cerveja. Existe sempre alguém a oferecer-me uma).

A possibilidade de trocar uma palavra na rua (há uma semana um homem abordou-me para me falar dos Mal-Amanhados e do orgulho de podermos mostrar o melhor da “nossa terra”). Uma horta de agricultura biológica, pertinho da casa, onde nos abastecemos de produtos vários. Os restaurantes ora típicos ora

“internacionais” (o Ginsu é um japonês impecável em qualquer lado. O Captain’s Table, de comida mediterrânica, também).

Vai-se reforçando a afinidade com as freguesias de São Mateus - aquela onde vivem os pais da Sara e onde foram filmados os instantes mais significativos do filme sobre Santos Barros - e do Raminho - onde vive o Álamo Oliveira, com quem vamos desenhando o filme “Com Perfume e com Veneno”.

E com as zonas balneares - Fanal, Negrito, Escaleiras. Porta das Cinco, Serretinha -, muito visitadas, no passado, com a miudagem.

Não esqueço a imagem do Manuel, meu filho mais novo, a nadar nos mares da Serretinha, com uma vista transcendente para os ilhéus das Cabras. Que lhe fique na memória. Agora, com a benéfica obrigação de me deslocar aos estúdios da RTP Açores, vou, todas as semanas, até à Praia da Vitória. Sempre fui adepto da Praia, com aquela relação franca com o mar, com a memória dos passos de Nemésio, com as suas casas baixas, simples, distantes dos premiados solares de Angra.

A pandemia suspendeu a possibilidade de aprofundar a relação com a Terceira.

Não que deseje muito mais - sou pessoa de reservados circuitos. Mas há coisas para fazer.

As touradas? Não sou de touradas, embora as respeite. Diz-me a Sara: é muito importante respirar o ambiente à volta de uma tourada (e do Carnaval e do São João) para entender a Terceira. Uma tourada traz sempre a cerveja, a bifana, o riso. E há sempre o quinto toiro, com a porta aberta, o copo e o petisco.

O Espírito Santo e o seu sentimento comunitário, para além de distâncias pessoais, classes e títulos, merece também ser vencido. Acontece agora, em versão miniatura, aqui no bairro.

No fim-de-semana, quando estava numa conversa no Zoom, comecei a ouvir uma filarmónica. Era o som da tradição a cruzar o modo tecnológico de nos mantermos em contacto nesta temporada. Que, em feliz hora, se vai fechando.

Os projectos, as ideias, a imaginação, adubados neste cantinho insular dentro da ilha, sobreviveram à catástrofe do vírus.

O filme a partir dos contos do Álamo avança. O quinto número da revista Grotta vai ser editado daqui a uns dias. O Arquipélago de Escritores aconteceu e vai voltar a acontecer este ano.

O desejo de fazer dos Açores um lugar em que a literatura é uma âncora e uma forma de nos apresentarmos aos outros mantém-se e vai crescendo. E quem diz literatura diz cultura, em todas as suas manifestações. Devo a estes dois anos terceirenses o vagar e as condições para prosseguir, em cumplicidade familiar, com um lado, como se disse na aludida conversa no Zoom, de Quixote.

Um Quixote consciente que se esforça para atingir um objectivo: o de ver os Açores culturais afirmarem-se como um todo, como um corpo cheio de tonalidades artísticas e identitárias mas com a mesma genética de se afirmarem. A baixa do preço das passagens pode ajudar.

Que venham os artistas dos outros Açores à Terceira - muitos não a conhecem. Convosco, haverá uma nova forma de pisar a ilha.